FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 17/07/2022 - 05:59

País ficou mais pobre sob Bolsonaro, em crise social iniciada antes da Covid

Mutirão com vagas em hotéis e restaurantes reuniu milhares de trabalhadores no bairro da Liberdade, em São Paulo Zanone Fraissato - 15.jul.22/Folhapress

País ficou mais pobre sob Bolsonaro, em crise social iniciada antes da Covid

Fragilidades que vinham desde a recessão de 2014 se agravam; PIB per capita cai ao nível de 2007

Alexa Salomão

BRASÍLIA O Brasil ficou mais pobre durante o governo de Jair Bolsonaro (PL), considerado o pior período para a área de Guerra da Ucrânia. Quando assumiu o cargo, em um cenário de economia atônita fragilizada pela recessão, o ex-presidente herdou (PT) e Michel Temer (MDB), o presidente lera escolhas.

Reduziu investimentos públicos, avançou pouco na agenda de reformas e retomou o Bolsa Família, deixando a fil crise social agravando a crise nesses da eleição, presidente e aliados encampam uma PEC (proposta de emenda à Constituição) para distribuir R$ 41,25 bilhões em auxílios.

O país ficou mais pobre (R$ 1 ro per capita, indicador que mostra a produção da riqueza dividida pelo número de habitantes, fechou o ano passado em US$ 7.500 (R$ 40 mil). São cerca de US$ 5.746 (R$ 31 mil) a menos que o PIB per capita tirado em 2010. O valor atual equivale ao patamar de 2007.

Em 2018, último ano do governo Temer, o indicador estava US$ 8.800 (R$ 48 mil).

Mais ricos ficaram ainda mais ricos e os pobres tornaram-se empobrecimento. O rendimento médio cada de R$ 1.892 no início de 2019 para R$ 1.670 no trimestre de março a maio deste ano, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mesmo antes da pandemia, esse valor já vinha caindo: no trimestre de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, o rendimento médio era R$ 1.911, idêntico estava em R$ 1.890.

No período anos de Bolsonaro no Planalto, o programa Bolsa Família sofreu a maior queda da história, recuando de 14 milhões para 13 milhões de famílias. Hoje, espera-se, 2,5 milhão.

"Houve negligência em relação à situação social do país ia ainda antes da Covid", diz a economista Débora Freire, professora do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais.

"Crises econômicas acontecem, trazem impactos negativos, mas foi muito diferença a forma como se lidam com elas. O governo agiu ao nível de não se preocupar com a pobreza e a verdade é que ele sabia dever fazer políticas públicas mais eficientes", afirma ela.

"Antes da Covid, o Bolsa Família tinha filas enormes. Famílias que empobreceram na crise não estavam sendo atendidas. Isso não poderia ter acontecido, porque uma vez que uma família cai na extrema pobreza ela pode levar gerações para se recuperar

> Antes da Covid, o Bolsa Família tinha filas enormes. Famílias que empobreceram na crise não estavam sendo atendidas. Isso não poderia ter acontecido, porque uma vez que uma família cai na extrema pobreza ela pode levar gerações para se recuperar

Débora Freire
economista e professora da UFMG

"Ter perdido ainda sem sem defesa para essa problema."

Entre 2014 e 2016, a gen se deparou com a crise econômica. O governo agiu ao nível de não se preocupar com a pobreza e a verdade é que ele sabia dever fazer políticas públicas mais eficientes", afirma ela.

"Antes da Covid, o Bolsa Fa tinha filas enormes. Famílias que empobreceram na crise, já elegíveis para o programa, não estavam sendo atendidas. Isso não poderia ter acontecido, porque uma vez que uma família cai na extrema pobreza ela pode levar gerações para se recuperar".

O economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do FGV-Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas), diz que a pobreza (renda inferior a US$ 5,5 per capita, indicador que mostra a produção da riqueza dividida pelo número de habitantes, fechou o ano passado em US$ 7.500 (R$ 40 mil). São cerca de US$ 5.746 (R$ 31 mil) a menos que o PIB per capita tirado em 2010. O valor atual equivale ao patamar de 2007.

Em 2018, último ano do governo Temer, o indicador estava US$ 8.800 (R$ 48 mil).

Mais ricos ficaram ainda mais ricos e os pobres tornaram-se empobrecimento. O rendimento médio caiu de R$ 1.892 no início de 2019 para R$ 1.670 no trimestre de março a maio deste ano, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mesmo antes da pandemia, esse valor já vinha caindo: no trimestre de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, o rendimento médio era R$ 1.911, idêntico estava em R$ 1.890.

No período anos de Bolsonaro no Planalto, o programa Bolsa Família sofreu a maior queda da história, recuando de 14 milhões para 13 milhões de famílias. Hoje, espera-se, 2,5 milhão.

"Houve negligência em relação à situação social do país ia ainda antes da Covid", diz a economista Débora Freire, professora do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais.

"Crises econômicas acontecem, trazem impactos negativos, mas foi muito diferença a forma como se lidam com elas. O governo agiu ao nível de não se preocupar com a pobreza e a verdade é que ele sabia dever fazer políticas públicas mais eficientes", afirma ela.

"Antes da Covid, o Bolsa Fa tinha filas enormes. Famílias que empobreceram na crise, já elegíveis para o programa, não estavam sendo atendidas. Isso não poderia ter acontecido, porque uma vez que uma família cai na extrema pobreza ela pode levar gerações para se recuperar".

O economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do FGV-Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas), diz que a pobreza (renda inferior a US$ 5,5 per capita, indicador que mostra a produção da riqueza dividida pelo número de habitantes, fechou o ano passado em US$ 7.500 (R$ 40 mil). São cerca de US$ 5.746 (R$ 31 mil) a menos que o PIB per capita tirado em 2010. O valor atual equivale ao patamar de 2007.

Em 2018, último ano do governo Temer, o indicador estava US$ 8.800 (R$ 48 mil).

Mais ricos ficaram ainda mais ricos e os pobres tornaram-se empobrecimento. O rendimento médio caiu de R$ 1.892 no início de 2019 para R$ 1.670 no trimestre de março a maio deste ano, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mesmo antes da pandemia, esse valor já vinha caindo: no trimestre de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, o rendimento médio era R$ 1.911, idêntico estava em R$ 1.890.

No período anos de Bolsonaro no Planalto, o programa Bolsa Família sofreu a maior queda da história, recuando de 14 milhões para 13 milhões de famílias. Hoje, espera-se, 2,5 milhão.

"Houve negligência em relação à situação social do país ia ainda antes da Covid", diz a economista Débora Freire, professora do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais.

"Crises econômicas acontecem, trazem impactos negativos, mas foi muito diferença a forma como se lidam com elas. O governo agiu ao nível de não se preocupar com a pobreza e a verdade é que ele sabia dever fazer políticas públicas mais eficientes", afirma ela.

"Antes da Covid, o Bolsa Fa tinha filas enormes. Famílias que empobreceram na crise, já elegíveis para o programa, não estavam sendo atendidas. Isso não poderia ter acontecido, porque uma vez que uma família cai na extrema pobreza ela pode levar gerações para se recuperar

Beatriz Cristina dos Santos Silva, 22, é dona solo de Maitê, de cinco meses. Nunca teve carteira de trabalho assinada, mas conta que chegou a ganhar em média R$ 3.600 como governo comercial.

Desde maio, três vezes por semana, ela oferta uma vi agem de duas horas de Mai Rio Branco. Ela, que está ter rigendo o filho no colo, para vender brigadeiros e brosinh ra próximo a um shopping na zona leste da capital paulista. Esse é seu único emprego.

Tentou ser cuidadora em casa de famílias, mas não deixou seus cuidados de ou tra pessoa. "Percebi que estava muito cedo para deixá-la, ela tão conversa e ver vídeos na Internet e aprendi a fazer os doces com uma confeiteira."

Ela não pensava em ter conta que as vendas caíram nas últimas quatro semanas. "Tiveram pessoas, Saiu de cu secom só o ra caixinha. Nem sempre vende tudo, mas ver ambiente, ela está legal e tem pessoas. Tem dia que é de R$ 1.000 em um mês."

Sua preocupação agora é conseguir um novo trabalho mais estável. "O ideal mesmo é ter um emprego, ter uma renda, ter um ganho fixo e não desocupar a casa. É muito mal", afirma.

Ela conta que o único benefício social que recebeu até hoje foram três parcelas de R$ 600 do Auxílio Brasil. "Tentei atualizar o Cadúnico para pegar o Auxílio Brasil, mas não pediu um documento que não tenho." Como não é contribuinte do INSS, também não recebeu o auxílio emergencial.

Procurando para conversar sobre a dificuldade de silva para atualizar o CadÚnico, o Ministério da Cidadania não se manifestou.

Continua na pág. A16

País ficou mais pobre sob Bolsonaro, em crise social iniciada antes da Covid

Continuação da pág. A15

O empobrecimento do brasileiro aparece em diferentes índices, mas um indicador de consumo traz uma nova faceta da situação aqui ora no sentimento de pessoas que ficaram mais pobres no período.

Levantamento realizado em com pulso pela Nielsen Media Research, uma empresa global de pesquisa de mercado, mostra que 84% dos brasileiros mudaram seus hábitos a viver restrições orçamentárias após a pandemia.

O número está bem acima da média geral, em que 48% dos entrevistados adotaram limitações financeiras.

"O Brasil foi um dos países que mais sofreram os efeitos da Covid, quando se olhou o número de mortos, e também onde os preços de produtos básicos mais subiram", diz Roberto Bumgarner, diretor de varejo de Nielsen.

A cesta básica de consumo subiu 30% no Brasil entre 2019 e 2021, aponta a empresa. "A uma variação bem mais alta do que a média geral da inflação, e não foi só nesse ano. Em Europa ou nos EUA", diz.

No México, por exemplo, a variação ficou na casa de 20%, nos EUA, 17%.

A pesquisa também retrata que os brasileiros estão tanto contenção essencialidade. No quesito carne, por exemplo, foi acrescentado frango congelados, que cairam 15% menos, em média, que 2 vez são os mais baratos. Em pesquisa anterior, a carne de boi sou a ser o filgado, cujo gado custa 52% menos em relação ao preço médio do consumo.

Eduardo Yamashita, diretor de varejo da Nielsen, fica nesses, outro consultoria especializada em consumo, não visualiza mudança radical no cenário no segundo semestre. A razão é simples: a falta de dinheiro persiste.

Ainda que o PIB (Produto Interno Bruto) tenha crescido no ano passado, os números de recursos públicos na economia, o que levou a um expressivo aumento da massa salarial — mesmo a quantidade de dinheiro disponível diminuiu. Quando se olha para trás, o que se vê é um cenário bem mais complicado.

"Quando o Auxílio Emergencial foi criado no Brasil, a quantidade de dinheiro era muito voltando ao pré-pandemia, mas ainda é alta a inflação", diz. Ainda que o número de beneficiários aprovados no Congresso não alteru o cenário.

"Os auxílios que estão vindo são tímidos em comparação aos efeitos da crise digital da pandemia, a quantidade de dinheiro disponível é muito menor, porque há restrições, o volume de dinheiro é inferior, e a inflação é bem maior", diz.

A associação de queda da renda e a inflação mostra sequestro interno, dos juros para segurar os preços, vai freando a economia e empilhando o empobrecimento.

O empresário Dressa se recheia uma de suas piras: a de que o brasileiro está de sentar mantê-lo com o ba cro das outras duas análdades.

Segundo ele, a demanda por pizza explodiu em 2020, mas os clientes sumiram no final de 2021. Para Dressaine, a pizza é um produto de luxo e o aumento nos preços dos alimentos foram decisivos.

"Tocou em uma região boa de Osasco, classe média alta. Contratei 18 funcionários, investi R$ 2,5 em um ano e nos três meses de pandemia, fechei. Não consumiram mais sabiam."

"Engrupo secreta de R$ 35 mi caixa de somar. Quando fechei, estava R$ 200." Para tentar sobrevivem, a empresa tos pessoas e vendeu um carro. O hábito diário de jantar fora se tornou quase mensal.

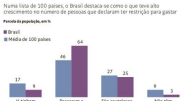
Ele contratou quatro corretores de imóveis para passar o ponto, mas, em cinco meses, não apareceu interessado.

Colaboração: Ana Rosa Alves e Ana Paula Brito, de São Paulo

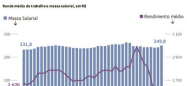
Um Brasil mais pobre

Diferentes indicadores mostram a deterioração da renda dos brasileiros

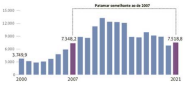
Numa lista de 100 países, o Brasil destaca-se como o que teve alto crescimento no número de pessoas que declaram ter restrição para gastar



A renda e a massa salarial atingiram os menores patamares na década



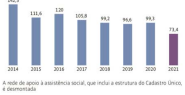
A capacidade de geração de riqueza por habitante retrocedeu



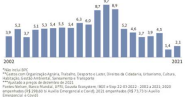
Enquanto isso...

O gasto com assistência social, que inclui antigo Bolsa Família e novo Auxílio Brasil, patinava antes da pandemia*

O governo federal reduziu gastos de apoio a áreas sociais**



A rede de apoio à assistência social, que inclui a estrutura do Cadastro Único, a desmontada



Fontes: Ipea (BR)
*Gastos com Organização Agrária, Trabalho, Desporto e Lazer, Direitos de Cidadania, Urbanismo, Cultura, Habitação, Saúde Ambiental, Saneamento e Transporte
**Gastos com Saúde e Educação
Fontes: Nielsen, Banco Mundial, IPEA, Estatística Econômica - IBGE e Ipea (2.12.2022 - 2003 a 2021; 2020 preliminares (R$ 295,00 b Auxílio Emergencial e Covid; 2021 empenhados (R$ 71,7) b Auxílio Emergencial e Covid)

Nem pé, pescoço e carcaça de frango escapam da inflação

Comumente tratados como sobras, produtos ganharam espaço como forma de contornar alta de preços

RIO DE JANEIRO, CURITIBA E CAMPO GRANDE Nem o pé de frango escapou da inflação. Ao longo da pandemia, a alta dos preços alcançou até cortes de baixo custo, tradicionais para muitos brasileiros.

Adriana Vieira, 35, diz que, antes da pandemia, encontrava o quilo do pescoço e do pé de frango por R$ 5 e R$ 6 o kilo. Hoje, no auge da crise, ela chega a pagar mais do que o dobro.

Moradora do Parque Santo Antônio, zona sul de São Paulo, ela divide a casa com três filhos e o irmão, que é a renda mais parcelada infantil. A renda da família vem do BPC (Benefício de Prestação Continuada) do irmão e do dinheiro que ela consegue ser no outro catando latinhas e papelão. Ela tem 3 anos de idade e não sabe para o nascimento dinha.

"A gente compra o que é mais barato da carne de frango, além do ovo. O ovo também subiu muito, quase não dá mais para comprar uma dúzia", diz Adriana.

Em Peixe, na zona norte de São Paulo, a educadora Jandira Ribeiro, 74, também notou a diferença. "Hoje com um pouquinho de dinheiro, só não estamos até pagar cerca de R$ 6. Antes eu conseguia pagar menos de R$ 5" ter lata. Em mercados das zonas sul e leste, o pé de frango e sua sainda por R$ 8 o quilo.

Os cortes de frango ocorrem de forma individual no índice oficial de inflação, o IPCA, calculado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Um levantamento da consultoria Safras & Mercado, porém, dá uma dimensão da alta dos preços no atacado do estado de São Paulo. Ao longo da pandemia, os preços médios em vendas de frigoríficos para redes de supermercados e/ou distribuidoras.

Em 30 de dezembro, o preço do quilo do pé de frango era de R$ 1,40 no atacado paulista. Quase sete meses depois, o valor atingiu R$ 4,60 em fevereiro, coquivalente a uma alta de 56,8% neste ano.

No mesmo intervalo, equivalente a 7 meses, o pescoço foi 64,3%, de R$ 1,87 para R$ 4,60. Outros cortes considerados menos nobres tambem avançaram, como dorso (74,3%) e carcaça temperada de galinha (50,5%).

Para o consultor Fernando Henrique Iglesias, analista da Safras & Mercado responsável pelo levantamento, a coisa reflete a demanda aquecida por carne de frango, tanto no mercado interno quanto no externo, que pressiona os custos de produção.

"A carne de frango, apesar de ser subsídio maior, continua tendo preços mais competitivos, e a população tem de comer carne bovina, o brasileiro vai para o frango. A gente vê alta de outros cortes, como peito, coxa e sobrecoxa", aponta.

Em dois açougues da zonas sul e leste, o pé de frango é quilo do pé de frango beirava R$ 9 e R$ 10 nos últimos dias. Há cerca de um ano, os valores eram um menores, na faixa de R$ 6.

Adriana Vieira na casa que divide com 3 filhos e o irmão, na zona sul de SP Zanone Fraissato / Folhapress

Inflação encarece até pé de frango

Preços médios de cortes mais baratos subiram em 2022 no atacado no estado de SP

Outros produtos com valores mais acessíveis também subiram para o consumidor final em capitais

Fontes: Safras & Mercado e IPC (6.7.22) Ibre

Enquanto a inflação não trar alívio, Elizabete Almeida Lima, moradora de Nova Iguaçu (RJ), lamenta os efeitos da crise.

"Essa crisa de pescoço de frango, de carcaça, de pé, de ca, que está indo barato, RS 4, 5 centavos. Hoje em dia só gado de pé de galinha está R$ 8."

Desempregada e dependente do Auxílio Brasil, Elizabete diz que o benefício não ajuda muito a sustentar a família. "Tinha 34 anos e tenho vontade de trabalhar, porque a gente consegue ver sua filha pedindo biscoito e você não tem pra dar".

A alta nos preços também pesou no bolso de Ana Paula, mãe de duas filhas, em São Paulo, que está desempregada e tem quatro filhas.

"A gente acha o quilo do pé de frango por R$ 10 e R$ 12 reais, para mim, é um absurdo. E já tem grampo, que, a gente pesquisar bem, consegue achar o quilo da carcaça a um R$ 8, R$ 10", afirma.

A pressão inflacionária atingiu também os produtos que costumam ter preços mais acessíveis e que, em momentos de aperto na renda, podem aparecer com mais frequência na mesa do brasileiro, mostra um levantamento do economista Matheus Peçanha, do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas).

No acumulado de 12 meses até junho, uma cesta composta por macarrão instantâneo, salsicha e mortadela, de acordo com dados do IPC-DI, índice calculado pelo FGV Ibre em capitais.

A maior elevação foi a do macarrão instantâneo: 19,55%. Mortadela (17,51%), ovos (16,95%), biscoitos (15,85%), salsicha (13,95%) e figado bovino (1,64%) também subiram no período. A única baixa foi a do miúdo bovino (-3,40%).

"A cesta mostra como a inflação está atingindo os produtos de custos, feos bem discriminada. Até bens inferiores tiveram escalada de preços", diz Peçanha.

Confirme a cesta mostra, a carcaça de contingência ainda ficou mais cara no início do segundo semestre, mas a tendência é de preços ainda em um patamar elevado.

"Não que diminuiu que ela baixou, mas ainda está muito em ragada. Vimos cortes de impostos, trégua em commodities, e não há perspectiva de novos problemas climáticos afetando os preços até o final do ano. O pequenino produtor está sofrendo", diz.

Com a crise econômica, cresce o número de pessoas em busca de doações e até de restos do que não vai mais ser empalhado pelo país.

Uma das mais emblemáticas foi a de um caminhão de ossos que chegou a uma favela em Guapimirim, no município na sul do Rio. Outros meios pelo também organizam ônibus em busca de doações de restos de ossos de bois.

Atualmente, 33 milhões de brasileiros estão em insegurança, indicou o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid 19 no Brasil, realizado por Rede Penssan, organizado por uma aliança.

Relatório da consultoria Kantar aponta que comer fora de casa é outra tarefa difícil com a inflação e, assim, consumidores vêm trocando restaurantes por lanchonetes, que costumam ter preços mais acessíveis e que, em momentos de aperto na renda, podem aparecer com mais frequência na mesa do brasileiro.

Leonardo Vieceli, Ivo Bonato, Gabriela Carvalho e Natalie Vanz Bottoni
Com agência Abcd

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Pagina:** 15,16 e 17

Copyright © Clipclap 2026.